

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 13

Data: 4 de fevereiro de 1976

Pg.: _____

Indigenistas criticam saída de estrangeiros

ESP 4.02.76

Da Sucursal e
do correspondente

Enquanto o presidente da Funai, general Ismarth de Araujo Oliveira, confirmava, em Brasília, a notícia do afastamento de todos os antropólogos estrangeiros dos projetos desenvolvidos pelo órgão em comunidades indígenas que vivem em áreas de segurança nacional, em Manaus a medida foi considerada por antropólogos e sertanistas do órgão como "um grande golpe na política indigenista brasileira". Segundo eles, são os estrangeiros, todos com graduação em nível de Doutor em Antropologia, que têm conseguido "levar um pouco de civilização aos índios, substituindo brasileiros, incapazes de realizar identico trabalho".

Sabe-se que a Delegacia da Funai no Amazonas já determinou aos dois antropólogos atingidos pela medida na região — Kenneth Taylor, que trabalha junto aos ianomani, e Peter Silverwood, junto aos makus e tikunas; sendo o terceiro a ser removido David Price, responsável pelo Projeto Nhambiquara, em Mato Grosso — que abandonem suas áreas e "aguardem até ulterior deliberação da presidência". O presidente Ismarth, contudo, garante que o órgão já está estudando o aproveitamento dos especialistas em outros programas.

Segundo o general, a orientação — que partiu dos órgãos de segurança — atinge não somente a Funai, mas outros setores do governo que empregam técnicos estrangeiros em áreas de segurança nacional. Mesmo elogiando a ação dos três antropólogos, Ismarth concordou com a decisão do governo, afirmando ser favorável ao aproveitamento de mão-de-obra nacional em trabalhos desenvolvidos nessas regiões. Informou ainda que a Funai já está estudando nomes para a substituição desses três especialistas, que estão à frente dos principais projetos de assistência às comunidades tribais na Amazonia.

O presidente da Funai considera que as atividades não serão interrompidas, pois tratam-se de áreas críticas que precisam de um apoio constante do órgão. Mesmo ressaltando a qualidade dos trabalhos dos três antropólogos, o general fez críticas à atuação de alguns pesquisadores estrangeiros, que depois de realizar seus trabalhos, não poupam críticas à política indigenista brasileira. "Estamos fazendo um grande esforço para apoiar as comunidades tribais e aceitamos a colaboração de todos que querem trabalhar com a Funai — afirmou Ismarth —, mas somos contra as críticas gratuitas e destrutivas".

Para o delegado da Funai em Manaus, Francisco Mont'Alverne, contudo, "o afastamento dos antropólogos estrangeiros da

política da Funai não deixa de ser uma medida antipática e até impatriótica, em termos indigenistas, pois são esses estrangeiros que mais trabalho e mais esforço despendem em benefício da causa indigenista do País em pouco tempo". E citou o programa coordenado pelo antropólogo inglês, Peter Silverwood, junto aos makus e tikunas, no Alto Rio Negro, que em apenas seis meses de execução já atingiu mais da metade do seu cronograma. Segundo Mont'Alverne, "afastar-se os antropólogos estrangeiros das frentes de atração dos índios da Amazônia é o mesmo que entregar o índio aos alçózes da civilização incontinida que se pretende dar-lhes".

Ontem, em Brasília, o antropólogo Kenneth Taylor mostrava-se muito desapontado com seu afastamento da região onde desenvolve o Projeto Ianomani, juntamente com sua esposa, a antropóloga brasileira Alcida Ramos. Segundo Taylor, depois de um grande esforço, a Funai está conseguindo agora minimizar os efeitos negativos do contato dos índios com as frentes que estão chegando à área da Perimetral Norte. Além de um amplo projeto de assistência de saúde, o antropólogo pretendia agora concretizar a transferência de algumas aldeias ianomani para uma área mais afastada, no rio Ajarani, procurando livrar os índios da influência negativa da estrada.